

Apresentação

Complexidade: entre limites e horizontes no contemporâneo

*Maximina Maria Freire**

*Marcelo Furlin***

Dentre os inúmeros desafios lançados na/pela contemporaneidade, um é particularmente colocado em tela: por meio da linguagem, da educação e da formação docente: o indivíduo constrói um conhecimento de causa, uma autonomia candente e uma liberdade vigorosa, que favorecem a tomada de decisões sobre a integração de si e do outro. Nesse ecossistema instigante, a complexidade emerge como um suporte ontológico, epistemológico e

* Doutora em Educação pelo OISE, Universidade de Toronto (CA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Líder do Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica e Complexidade (GPeAHFC/CNPq). Diretora de Projetos do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin (CEPEM).

E-mail: mmfreire@uol.com.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7908-1143>.

** Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Líder do Grupo de Pesquisa *NARRARE* – Formação Docente e Narrativas. Pesquisador-Colaborador na Universidade Federal do ABC (UFABC). Vice-Presidente da Rede de Investigação Internacional Visões Cruzadas sobre a Contemporaneidade, sediada na Universidade de Coimbra.

E-mail: marcelofurlin267@gmail.com

metodológico que sinaliza caminhos para uma concepção transdisciplinar capaz de possibilitar a construção e a articulação de conhecimentos que, assim mobilizados, potencialmente promovem maior compreensão entre os seres humanos, uma visão mais fraterna do que seria bem-viver e melhor compreensão para a continuidade da vida no planeta.

No *frame* de uma percepção complexa da realidade, o dossiê que ora apresentamos e comentamos reúne artigos que, frutos de pesquisa e/ou reflexões teórico-práticas, contribuem para a maior articulação de interfaces envolvidas e questionamentos relativos à complexidade e à transdisciplinaridade, visões estreitamente relacionadas e imbricadas na concepção do contemporâneo. Em consonância com as elaborações argumentadas pelos autores aqui reunidos, torna-se relevante ponderar associações mais precisas que, insubordinadas a considerações orientadas por um contínuo temporal ou por linearidade causal, entrelacem e revelem conexões extemporâneas mas congruentes, ponderando os saberes construídos e os emergentes, sob o prisma de um sistema robusto e expressivo de ligações, reLigações e interLigações.

Compreender o que está envolvido na construção de conhecimentos ou, antes, no que se define por conhecimento, tem sido a busca de educadores, filósofos e pensadores de diferentes áreas em distintos momentos da História. Há décadas, modelos e padrões paradigmáticos têm enfatizado não apenas uma visão conceitual e estrutural próprias, mas também maneiras de lidar com o conhecimento tanto em ambientes formais como informais. Nesse sentido, uma visão que valoriza o fracionamento do saber, a apreensão do todo a partir do entendimento das partes e a soberania disciplinar como forma de acesso à especialização, superespecialização e hiperespecialização, deu origem a uma concepção mecanicista de mundo, orientadora dos processos cognitivo-formativos hodiernamente nomeados *tradicionais*. Fundamentado em uma perspectiva cartesiano-newtoniana, tal paradigma, ainda dominante em muitos contextos e culturas, revela uma influência marcante na definição de como construtos dis-

juntos podem ser armazenados e transmitidos a partir de um padrão pré-definido e estável, composto de normas rígidas que, apartadas de imprevisibilidades e possíveis contradições dialéticas e/ou dialógicas, pretendem abarcar o saber em sua completude, com a valorização de certezas construídas a partir de visões simplificadoras e de uma concepção indiscutível de uma verdade única.

O predomínio dessa concepção, contudo, tem sofrido constantes questionamentos, visando reconsiderar a constituição dos processos formativos e promover a apresentação de alternativas que desconstruam e substituam a noção de transmissão de conhecimentos segmentados por uma que os compreenda sucessiva e recursivamente ligados e religados, urdidos em uma conexão ao mesmo tempo hologramática e dialógica, que interconecte, em uma rede sistêmica, componentes potencialmente autogeradores e retroalimentadores.

O incômodo com o padrão mecanicista cartesiano-newtoniano não é privilégio do contemporâneo. A ineficiência desse modelo vem sendo sentida, em momentos e modos distintos, por quem se mostra irredutivelmente questionador de visões e modelos pré-estabelecidos e imutáveis. Salientamos, a título de ilustração, dois pensadores que nos intrigam pois, embora diferenciados sob certos ângulos, mostram-se, em alguma medida, próximos quanto ao tratamento de algumas questões essenciais à compreensão do que é conhecimento e de como ele se constitui. Entre esses autores, *John Dewey* (1859-1952), transecular por sua vivência e pela repercussão de suas obras e suas ideias, continua presente, influente e instigador de contínuas reflexões, sob a sugestão de um diálogo extemporâneo e interessante com *Edgar Morin* (1921- ...), o artesão da complexidade.

É notável afirmar que Dewey e Morin, com horizontes investigativos distintos, articulados transversalmente por épocas e culturas diferentes, revelam eixos cognitivos e desdobramentos expressivos que justificam a aproximação de visões individuais. Em nossa percepção, interliga-os o eixo do *conhecimento* e a noção de *experiência*, passíveis de exploração pela via da linguagem, tanto no sentido conceitual intrínseco como no resgate e na expressão de significados atribuídos ao longo da vivência e construção de saberes.

Por meio de um olhar mais atento ao ideário¹ dos autores mencionados, podemos traçar transversalmente, ainda que de maneira abrangente, um paralelo que os confronta, sob a consideração dos aspectos destacados no quadro a seguir, tomados como referência:

Quadro 1: Visão contrastiva: Dewey e Morin

	DEWEY	MORIN
Educação para a vida	Defende uma educação voltada para a democracia e vida social, objetivando que os alunos aprendam a resolver problemas reais e se tornem cidadãos ativos.	Propõe uma educação para a cidadania planetária, que prepare os indivíduos para a complexidade do mundo contemporâneo, marcada pela globalização e a diversidade cultural.
Aprendizagem ativa e reflexiva	Propõe a aprendizagem pela vivência contínua de experiências (<i>contínuo experiencial</i>) e sua interpretação (<i>educativas e não educativas</i>), permitindo que o aprendiz investigue, reflita e construa conhecimentos a partir da interação com o meio.	Defende o pensamento complexo, que questiona saberes fechados e estimula a visão multifacetada da realidade vivenciada, de forma contextualizada.
Papel do professor	Concebe ao professor o papel de um guia que auxilia os alunos em sua jornada de aprendizagem, criando um ambiente propício à investigação e à autonomia.	Compreende o professor como um intelectual reflexivo, capaz de questionar saberes tradicionais e motivar o pensamento crítico.
Educação como processo contínuo	Concebe a educação como um processo ao longo da vida, que se estende além da escola, ocorrendo em diferentes contextos.	Defende a educação como uma aventura intelectual permanente, necessária para a adaptação às constantes mudanças do mundo.

Fonte: Os autores

¹ Referimo-nos ao conjunto de ideias que sustentam nossa argumentação, expressas, por exemplo, em Dewey (1929, 1953, 1959, 1979, 2008) e em Morin (2000, 2003).

Os aspectos em evidência, no Quadro 1, assinalam que o conhecimento constitui uma marca sensível na visão dos dois autores em foco, ressaltado nas ponderações sobre educação e aprendizagem: processos contínuos, partilhados com um professor orientador, mediador, questionador e motivador de pensamento crítico, reflexivo e autônomo, por parte de aprendizes ativos, engajados, co-construtores de conhecimentos contextualizados e contextualizáveis. Nesse viés, os autores citados valorizam, direta ou indiretamente, a experiência vivida (pessoal ou vicária) narrada pelo aprendiz, ecológica, socialmente pertinente, democraticamente relevante, (re-)interpretada em sua multidimensionalidade e multireferencialidade, que conduz à emancipação e à conquista do exercício de uma cidadania plural, simultaneamente local e planetária.

O exercício reflexivo-contrastivo aqui exemplificado pode ser ampliado em várias direções epistemológico-metodológicas – e, de fato, o são neste dossiê. A edição traz à discussão oito artigos que entretecem conhecimentos de naturezas similares e distintas, descortinando um leque de concepções e vieses que centralizam a complexidade como um relevante tema na/da contemporaneidade.

Na intenção de estabelecer um paralelo entre autores e uma leitura transversal de suas concepções, este volume se inicia com o artigo de *Freitas, Petraglia e Moraes* que focalizam, a partir de seus próprios percursos, de suas *andarilhagens*, um diálogo teórico-conceitual entre Paulo Freire e Edgar Morin. Para as autoras, as visões freireana e moriniana são essenciais e complementares para a compreensão e exercício de práticas educativas transformadoras, frente à injustiça social que evidencia diversas formas de opressão. Ao longo da discussão que apresentam, destacam três focos distintos mas complementares – *ontologia, epistemologia e metodologia, complexidade e reforma do pensamento; educação (trans)formação e implicações metodológicas* –, a partir dos quais elaboram perspectivas de aproximação e indagações, objetivando suscitar novos estudos com essa temática, propondo, assim, dar continuidade ao *andarilhar* que iniciam.

Os artigos que seguem sugerem caminhos diferentes do acima exposto, indicando a discussão de grandes áreas temáticas contemporâneas: a complexidade como referencial fundante para a compreensão de temas específicos, e a visão complexo-transdisciplinar moriniana em ação, contemplando questões de cunho formativo e sinalizando alternativas para o desenvolvimento docente e para questões de ensino-aprendizagem.

Nunes e Vinha são os autores de um dos artigos que explora a primeira grande área temática acima identificada. Nele, visam a apontar caminhos para superar a insatisfação e desconfiança em políticas públicas complexas, usando como referencial a interligação moriniana entre ética, ciência e política, na discussão sobre o potencial de abordagens recentes para o desenho, implementação e avaliação de políticas públicas embasadas na complexidade. Defendem que essas abordagens são sustentadas na construção de saberes práticos e teóricos, e no reconhecimento, valorização e utilização da complexidade. Na argumentação que apresentam, advogam que a ecologia da ação pode ser um vetor vigoroso para a religação de saberes práticos construídos a partir dessas abordagens que, apesar de promissoras, não podem ser isoladas e tratadas de forma independente.

Sob o vigor da interligação entre complexidade e temas específicos, encontra-se o artigo de *Messias* que procura estabelecer uma aproximação da temática central da interculturalidade em diálogo com as perspectivas da reflexão decolonial e da epistemologia da complexidade. Desenvolve, em princípio, o conceito de colonialidade cultural; na sequência, distingue interculturalidade funcional e crítica; e, por fim, propõe a noção de interculturalidade complexa como complemento essencial para a compreensão do diálogo que procura estabelecer.

A partir de uma visão complexo-transdisciplinar, e contemplando reflexões de cunho formativo estão os artigos de *Zwerewics et al.* e de *Sá et al.*. O primeiro apresenta um mapeamento de estratégias transdisciplinares e ecoformadoras para a valorização do conhecimento pertinente na formação docente. Com efeito, são estratégias

que mobilizam o conhecimento pertinente, que se baseiam em concepções e metodologias transdisciplinares e ecoformadoras, e que potencializam os processos colaborativos e o compromisso com o bem comum. As autoras argumentam a existência de múltiplas possibilidades a serem exploradas para concretizar o exercício de uma prática pedagógica comprometida com demandas locais e globais. Concluem que as estratégias mapeadas podem potencializar mudanças expressivas na prática pedagógica, motivadas por formações que incluam metodologias voltadas à reflexão, bem como planejamento e execução colaborativa de projetos que favoreçam o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem em espaços escolares.

O segundo artigo, de *Sá et al.*, corresponde a um ensaio teórico-bibliográfico que reflete e procura contribuir com ponderações ontológicas, axiológicas e epistemológicas do Pensamento Complexo, oferecendo o arcabouço conceitual e prático para a construção de uma *docência pertinente*. Os autores ressaltam a relevância da ética da compreensão, resistência e magnanimidade como dimensões essenciais para o conceito que explicitam. Como afirmam, a religação é a chave da missão ética na produção de conhecimento pertinente, fruto da ação de uma racionalidade aberta que demanda contextualização e que compreende a multidimensionalidade da natureza, da sociedade e do ser humano

Os três artigos que complementam o presente dossiê podem ser inter-relacionados, na medida em que contemplam questões de natureza pedagógico-formativa, emergentes em contextos informais e formais. Nessa direção, *Muriana e Costa* discutem a elaboração e utilização de duas atividades de língua inglesa, ministradas em uma escola de idiomas, visando ao desenvolvimento do conhecimento pertinente e do bem-viver. As autoras, ao explorarem construtos teóricos de forma prática, defendem uma tripla associação entre complexidade, transdisciplinaridade e Linguística Aplicada, na composição de um sistema de pressupostos que alicerça o desenho e uso do material didático concebido como situações de aprendizagem que, por meio da noção moriniana de *estratégia*, permitiu que os

alunos adultos nelas envolvidos pudessem trabalhar a incerteza e a imprevisibilidade a seu favor.

No registro de questões de natureza formativa, emergentes em contexto formal, *Ifa e Pitombeira* descrevem e interpretam a formação inicial de licenciandos de língua inglesa, proporcionada no estágio supervisionado, em uma universidade do nordeste do Brasil. Tendo como orientação metodológica a abordagem hermenêutico-fenomenológica complexa, os autores investigam como licenciandos de Letras vivenciaram o fenômeno formativo após a pandemia do covid 19. Suas descobertas sinalizam para *conscientização* como um dos temas que compõem a essência da formação em foco, o qual detalham no artigo. Os autores concluem que os caminhos da formação docente são caracterizados por rupturas e tessituras, carecendo de exploração contínua que evidencie nuances enquanto traga contribuições para fomentar uma nova forma de pensar, ensinar e aprender línguas.

Na moldura da questão formativa em contexto formal, e como desfecho ao dossiê, *Fialbo, Costa e Beviláqua* lançam um olhar complexo sobre cursos de licenciatura em Letras, refletindo sobre indícios de auto-heteroecoformação tecnológica de professores de línguas. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa com metodologia documental que investiga projetos político pedagógicos de três instituições de ensino superior, no sentido de refletir sobre a formação tecnológica docente sob a perspectiva da complexidade. Entre os resultados apresentados, os autores reconhecem evidências de condições iniciais para promoção de auto-heteroecoformação tecnológica, uma vez que questões relativas a esse enfoque perpassam toda a formação, não se limitando a componentes curriculares isolados e, portanto, alinhando-se ao Pensamento Complexo.

Com imensa satisfação, desejamos que as páginas a seguir possam despertar percepções e reflexões, projetos e ações, para que a educação no contemporâneo apresente correspondências com as agendas (im)previsíveis do século XXI. Nessa proposta emblemática, leitores e autores são convidados a elevar vozes e a vislumbrar cená-

rios plenos de sentido, com vistas ao artesanato do ensino-aprendizagem, sob matizes transdisciplinares, ecologizantes, complexos.

Em uma agradável tarde, final do inverno de 2024.

Profa. Dra. Maximina Maria Freire (PUC-SP)

Prof. Dr. Marcelo Furlin (UMESP)

Referências

DEWEY, J. **Experience and nature**. Open Court Publishind Company. 1929.

DEWEY, J. **Liberdade e cultura**. Trad. de Eustáquio Duarte. Revista Branca, 1953.

DEWEY, J. **Como pensamos. Como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição**. 3ª. ed. Trad. de Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. 3ª. ed. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1979.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. São Paulo: Ática. 2008.

Morin, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.